



Memórias do Possível

Sobre a arte de lembrar: Apoio Matricial em Socioeducação

Daniela Ramires Policarpo, Jéssica Becker Moraes, Jacinta Antonioli Testa, Isadora Manfredi Marques, Oriana Holsbach Hadlers
Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
e-mail: orianahadler@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem por objetivo abordar a criação do podcast 'Memórias do Possível', ação do projeto de extensão Apoio Matricial em Socioeducação, que compõe os projetos do Centro Interdisciplinar de Educação Social e Socioeducação (CIESS-UFRGS). Neste trabalho, o podcast é tomado enquanto arquivo memorativo que reúne experiências potentes vivenciadas na rede socioeducativa, tendo em vista uma atenção cuidadosa e inventiva que dialoga com as demandas das juventudes brasileiras contemporâneas. Toma como materialidade a proposta de matriciamento em socioeducação para pensar quais encontros se tornam possível em tempos pandêmicos. Ancorando-se nos escritos de Walter Benjamin, aposta na potência ético-política do ato de lembrar, entendendo a importância da transmissão que a voz viva tem para produzir resistências frente ao esquecimento.

Palavras-chave: juventudes; socioeducação; memória; matriciamento; podcast.

Abstract

This article aims to address the creation of the podcast 'Memórias do Possível', an action of the Matrix

Support in Socio Education extension project, which integrates the projects of the Interdisciplinary Center for Social Education and Socio Education (CIESS-UFRGS). In this work, the podcast is taken as a memorial archive that brings together powerful experiences lived in the socio-educational network, having in mind a careful and inventive attention that dialogues with the demands of contemporary Brazilian youth. It takes as materiality the proposal of matrix support in socio-education to think about how encounters become possible during pandemic times. Based on the writings of Walter Benjamin, it focuses on the ethical-political power of remembrance, understanding the importance of the transmission that the living voice has to produce resistance in the face of forgetting.

Keywords: youth; socio education; memory; matrix support; podcast.

Dos encontros passados: introdução

O ano era 2020, nas reuniões do Apoio Matricial em Socioeducação circulava uma cuia de chimarrão: sorvida por muitas bocas, segurada por muitas mãos. Os adolescentes ingressavam diariamente no Programa de Prestação de Serviço à Comunidade, localizado no 6º andar do prédio da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Eles traziam suas histórias, seus percursos de vida, seus Raps e ladaias; construía, nas dependências da Universidade, além da atividade ligada à medida socioeducativa, suas próprias narrativas. A presença corpórea desses adolescentes nos confortáveis corredores da Universidade impelia os acadêmicos a fecharem os livros e se debruçarem sobre a realidade crua da negação de direitos. Eles nos contavam as histórias de onde vinham, as limitações para circular na cidade, as violências sofridas. Corpos. Majoritariamente negros. Prevalentemente pobres. No encontro destes corpos, produzia-se um saber igualitário e antiautoritário, proveniente da convergência entre o saber científico e o saber da vida. Encontro. Convergência. Corpos.

Mas o ano era 2020, um vírus de alta letalidade punha em cheque os encontros e compelia ao afastamento: corpos afastados. Medo e circulação reduzida. A ameaça de um inimigo invisível, o qual se disseminava pelo contato físico, causava o temor do encontro. As medidas de Prestação de Serviço à Comunidade foram suspensas e, com isso, os adolescentes pararam de chegar.

A recomendação de restrição de convívio social por questões sanitárias de combate a uma pandemia global se impôs à equipe do Centro Interdisciplinar de Educação Social e Socioeducação – o CIESS, do qual o Apoio Matricial em Socioeducação faz parte.

Onde estamos: o Apoio Matricial em Socioeducação

Criado em 2016, o Apoio Matricial em Socioeducação é um projeto de extensão do Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o qual compõe o Centro Interdisciplinar de Educação Social e Socioeducação (CIESS), órgão auxiliar da Faculdade de Educação da UFRGS, ao lado de outros projetos de extensão que o compõem. Como linhas que se entrelaçam, os projetos do CIESS convergem nas temáticas da Socioeducação, Educação Social e Direitos Humanos – desenhando suas ações com múltiplos traços, cujo caráter é interdisciplinar e intersetorial. A construção do conhecimento faz-se por muitas mãos: discentes, docentes, pesquisadores, trabalhadores da rede de políticas públicas e os jovens em atendimento na rede socioeducativa. Eles constroem em roda, circulando de mãos dadas, compondo através dos saberes da psicologia, da pedagogia, do serviço social e do direito. O protagonismo estudantil estrutura o coletivo através da criação e agência das propostas por estudantes, estagiários e

bolsistas. Essas propostas visam promover ações qualificadas e ampliadas na articulação com a rede pública; produzir pesquisa na área das políticas de juventudes; contribuir para a formação social-cidadã de estudantes e trabalhadores/as da rede socioeducativa e de proteção; desenvolver e apoiar ações de ensino, pesquisa e extensão numa interação entre a Universidade e a sociedade, na qual todo o conhecimento é igualmente valorizado e considerado, advindo dos livros e das ruas e, aqui em especial, promover uma atenção cuidadosa e inventiva que dialogue com as demandas das juventudes.



Diagrama/mapeamento dos projetos do CIESS

Dessa forma, o Apoio Matricial em Socioeducação encontra no CIESS sua morada: o projeto tem por objetivo assegurar a proteção integral prevista pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no âmbito da execução de medidas socioeducativas – buscando organizar, legitimar e fortalecer assessorias entre grupos de técnicos da rede socioassistencial de atendimento a jovens que estão em cumprimento de medidas socioeducativas, sobretudo em meio aberto. Em especial quando, nas equipes de referência dos casos, surgem situações que necessitam de uma análise ampliada, o olhar coletivo sobre as situações-problema apresentadas torna-se fundamental – então, a equipe do projeto oferta este espaço, considerando a interdisciplinaridade

e a intersetorialidade para ações transversais e em rede.

A atuação do Apoio Matricial em Socioeducação encontra seu fio condutor no próprio nome: o conceito de apoio matricial – também conhecido como matriciamento. Tal noção foi desenvolvida como uma forma de gestão do cuidado para o atendimento de casos complexos em saúde mental. Trata-se de “um modo de produzir saúde em que duas, ou mais equipes, num processo de construção compartilhada, criam uma proposta de intervenção pedagógico

terapêutica” (BRASIL, 2011, p. 13). As primeiras intervenções aconteceram na rede de saúde de Campinas / SP, passando a ser adotado em outras localidades. Hoje se trata de política pública no Sistema Único de Saúde (SUS), sendo uma importante estratégia em direção ao cuidado integral. A metodologia passa pelo encontro entre a equipe de referência do usuário e a equipe do matriciamento, visando ampliar as possibilidades de atuação a partir de saberes interdiscipli-

nares. Sendo assim, é possível lidar com casos complexos, acumular conhecimento para situações mais simples e promover novos olhares sobre as situações que podem se apresentar no cotidiano do cuidado.

No campo da socioeducação, o atendimento de adolescentes em cumprimento de medidas também é realizado por equipes interdisciplinares, compostas, no mínimo, por profissionais da saúde, educação e assistência social, conforme art. 12 da Lei 12.594/2012 (BRASIL, 2012). Na mesma linha, a equipe do Apoio Matricial em Socioeducação é composta por profissionais e estudantes de Psicologia, Pedagogia, Assistência Social e Direito, promovendo um encontro de saberes que amplia a visão sobre os casos analisados e possibilita a proteção integral:

No Apoio Matricial em Socioeducação, dialogamos com o processo longitudinal do indivíduo a partir da concepção de percurso do adolescente, contemplando o mapeamento do território no qual o adolescente movimentou-se na relação com as políticas públicas na cidade e com a experiência do ato infracional, identificando a rede de atenção juvenil a ser (re)ativada, numa perspectiva de tempo que não se oriente somente pelo período da medida socioeducativa, mas também pelo tempo demandado pelo adolescente com ações que o acolhem em sua integralidade. A noção de percurso aciona a singularidade dos trajetos de cada adolescente atendido, além disso, convoca a equipe de referência na transversalidade de sua experiência, constituindo a relação do território geográfico com o território existencial que subjetiva, o qual por sua vez constitui a vida desta pessoa, afirmando a proteção integral (LAZZAROTTO; NASCIMENTO; SILVA, 2018, p. 45).

Para que na prática do cuidado tal percurso seja percorrido, as situações que tomam as equipes implicadas com determinados casos, de forma a estagnar ou dificultar a sua atuação, demandam uma estratégia de análise interdisciplinar que direcione um olhar cuidadoso e coletivo ao Plano Individual de Atendimento – com um plano de intervenção intersetorial junto às políticas públicas em saúde, educação, assistência social, segurança e direitos humanos. São demandas complexas que muitas vezes envolvem atenção especializada em saúde mental, necessidade de proteção especial, ação frente a risco de vida, judicialização de eventos educacionais, familiares, entre outros.

A metodologia do apoio matricial apresenta aqui sua potência: a partir da articulação e do compartilhamento de saberes, o matriciamento possibilita a ampliação das possíveis atuações e compreensões da equipe sobre a situação-problema que se apresenta. Dessa forma, o Apoio Matricial em Socioeducação atua na produção de um espaço de acolhimento – de afetos, dúvidas, angústias – da equipe de referência, de forma que tal equipe possa reafirmar seu lugar no acompanhamento do percurso do adolescente (LAZZAROTTO, 2018).

Na discussão dos casos, refletindo sobre seu próprio processo de trabalho, as equipes – apoiadas por múltiplas mãos – podem construir

novas estratégias e criar fluxos na rede de saúde e assistência.



Logo do Apoio Matricial em Socioeducação, por Ray Carvalho

Esses saberes e práticas que circulavam pelas salas da universidade e pelas ruas de Porto Alegre, de repente, ficaram suspensos com o início da pandemia. A necessidade de isolamento social não apenas interrompeu o fluxo dos encontros, mas o próprio cumprimento das medidas socioeducativas em meio aberto. Aqueles corpos, antes circulantes, estavam no “meio fechado”¹ de seus lares, casas de acolhimento, instituições de internação, sem contatos com toda uma rede, a esperar o que estaria por vir. Os encontros eram memórias. Algo mais seria possível?

Dos encontros possíveis: memórias da socioeducação

No princípio era apenas uma espera - alguns dias

1. Referência às medidas socioeducativas que são cumpridas em meio fechado, a ver: a internação em estabelecimento socioeducativo (internação sem possibilidade de atividades externas, internação com possibilidade de atividades externas e internação provisória) e semiliberdade (BRASIL, 2012).

ou semanas que logo passariam e voltaríamos à saudosa “normalidade”. A saudade da convivência com a juventude foi aprofundando como a lembrança de um tempo bom que havia ficado lá atrás. Lembranças e memórias, mas essas não são parte de um passado, um pretérito perfeito, elas são constituintes do hoje e do presente. Não existe um sujeito independente de sua própria história, de sua própria trajetória, assim como inexistem um Apoio Matricial alienado de suas memórias afetivas sobre a socioeducação. A afetividade das memórias sempre residiu em sua potência inventiva. Em tempos em que a desesperança parecia tomar conta, o Memórias do Possível tomou corpo como um coletivo esperançar.

Os impeditivos da pandemia, assim como os impactos de sua gestão, convocaram intensamente a equipe do Apoio Matricial. Questionamo-nos: como tecer histórias possíveis na mortalha do nosso tempo? Assim, emergiu em 2020 o projeto Memórias do Possível². Buscando construir um espaço memorativo em que as equipes da rede socioassistencial pudessem compartilhar práticas inventivas, as quais fossem possíveis no campo da socioeducação e das políticas de/para/com juventudes, o espaço do Apoio Matricial expandiu-se e transformou-se.

Para além da lógica de assessoria às equipes, a qual segue sendo prestada pelo Apoio Matricial, os encontros do Memórias do Possível atuam na escuta de narrativas, no diálogo sobre experiências e na troca de lembranças. Mensalmente, de acordo com a disponibilidade dos trabalhadores, os técnicos da rede socioassistencial – que atuam ou atuaram no atendimento a jovens em cumprimento de medidas socioeducativas no meio aberto, ou fechado – são convidados a compartilhar suas

experiências. O projeto tem buscado produzir tal espaço junto a trabalhadores de todas as nove microrregiões de Porto Alegre – que organizam a territorialização dos serviços de assistência da cidade –, de forma a criar redes ampliadas e pontos de ressonância no campo da socioeducação.

Como fios que se desenrolam de um novelo, dispostos a bordar algo novo, cada fala dos convidados permite que juntos se percorra pelas experiências potentes vivenciadas na rede socioeducativa. São narrativas que, em sua própria produção e compartilhamento, intervêm na realidade das práticas com as juventudes. São narrativas cuja potência não poderiam permanecer guardadas apenas para as equipes que as escutam. Na tentativa de encurtar as distâncias e fazer ressoar as vozes, as conversas são registradas e compartilhadas em formato de podcast – amplamente disponibilizados na plataforma Lúmina³ da UFRGS e no aplicativo para celular Spotify⁴.



Arte do podcast Memórias do Possível, por Ray Carvalho

2. Mais informações sobre o projeto Memórias do Possível podem ser encontradas no Portfólio de Práticas Inspiradoras em Atenção Psicossocial, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Disponível em: <https://portfoliodepraticas.epsjv.fiocruz.br/pratica/apoio-matricial-em-socioeducacao-memorias-do-possivel-0>. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

3. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/luminapodcasts/site/index/memorias-do-possivel>. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

4. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/3YAC0XWErBs6Bn7bw49ORQ>. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

Os encontros do Memórias do Possível chamam as equipes: convidam a refletir, reviver, reinventar; compartilhar, narrar e transmitir. Como desenha Walter Benjamin, a fonte da narrativa é a experiência, dela o narrador retira o que conta. A memória faz-se, assim, a musa da narrativa, enquanto o narrador trabalha a matéria-prima da experiência, transformando-a em algo sólido, útil e único.

“A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (BENJAMIN, 1987, p. 204).

Benjamin ainda diria: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1987, p. 201). O Memórias do Possível, ao narrar as experiências afetivas, inventivas e potentes, faz emergir um compartilhamento de mundos possíveis: incorporam-se às nossas próprias experiências as experiências daquele narrador. A ampliação dos nossos repertórios acontece na potência do encontro, pois se antes o chimarrão aquecia nossa partilha, agora as memórias compartilhadas alimentam nossa construção de uma realidade possível e respirável.

A busca pelo compartilhar de experiências não se faz à toa, não “técnica”, nem “vivência”, mas experiência. Larossa (2002) diferencia vivência de experiência em seu texto “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, conceituando a vivência como algo superficial, que não é sentido, apenas acontece. A vivência estaria completamente ligada ao modo de vida neoliberal, no qual o sujeito sempre está em busca de fazer algo, produzir algo, regular algo, opinar sobre algo – estamos sempre em atividade, não podemos parar. Em contraponto, a experiência seria quando nos permitimos afetar diante dos acontecimentos, sem a necessidade de produção, apenas se faz aberto, disponível. É preciso se expor, correr o risco e experimentar.

Assim, o autor fala sobre o processo de transformar vivência em experiência, quando acontece uma “quebra” que nos permite pensar e avaliar a situação – quando permitimos ser tocados. Essa quebra é chamada pelo autor de “gesto de interrupção”, que seria:

“um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço” (LARROSA, 2002, p. 24).

Dessa forma, pode-se pensar o podcast Memórias do Possível como uma ferramenta capaz de transformar o que é vivência em experiência, tanto no momento de gravação do episódio (quando os profissionais se permitem recontar e refletir sobre o que já passou), quanto para os trabalhadores que escutam, pois os permite relembra e repensar a sua própria prática diante do fazer do outro. O compartilhamento de vivências, ou experiências, permite ao entrevistado se colocar em uma condição de vulnerabilidade perante os outros, no sentido de se expor, se manter aberto para o desconhecido, se permitir receber – críticas, julgamentos, respostas e afetos. “Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (LARROSA, 2002, p. 26).

Por que importa não deixar esquecer?

Rememorar é prática, é aposta ético-política e é transmissão, pois para não esquecer é preciso transmitir. Para Benjamin, a narrativa tem sempre uma dimensão utilitária, uma capacidade de transmissão de experiência. O narrador, ao contar uma história, busca alcançar a comunidade por meio da voz – a voz viva – que para além de informar,

transmite os ensinamentos que provém da experiência, inserindo um conhecimento que pode ser útil ao ouvinte no futuro (LIMA; BAPTISTA, 2013). Nesse momento, se coloca a importância da comunicação oral por parte do narrador, ou seja, é necessário sentir a sua voz, a sua entoação, suas pausas e silêncios.

Dessa forma, o Podcast Memórias do Possível se coloca como um arquivo memorativo, uma ferramenta para o narrador: uma espécie de veículo capaz de comunicar oralmente para diversas pessoas os ensinamentos provenientes da experiência – nesse caso, em socioeducação. Assim, constitui-se um espaço de compartilhamento e acolhimento que além de permitir que a informação chegue a mais pessoas, possibilita ao narrador assimilar e elaborar a sua vivência. Sem esquecer de inspirar os ouvintes com práticas possíveis, o narrador denuncia o que não pode ser esquecido, lembra para que não aconteça novamente e, dessa forma, resiste.

Como elabora Benjamin, com o declínio da experiência, a qual foi amortecida nas perdas, traumas e desesperanças da modernidade e de suas guerras, outro apagamento também se produz: o da narração (Mattos, 2016). Quando envoltos na mortalha e neste caso de mais de 700 mil mortes pela Covid-19, o que é testemunhado é também

inenarrável. Para os trabalhadores da socioeducação – na ponta dos serviços, com seus corpos expostos e seus braços sem vacina na época – a morte se tornara cotidiana, o medo se tornara um continuum e a memória jazia em necessidade de sobrevivência.

Frente ao amortecimento das experiências, ao desmonte das políticas públicas socioassistenciais, à exposição dos trabalhadores a um vírus letal, a práticas de governo que incitavam o ódio e produziam a morte, o Memórias do Possível surgira como resistência. Afinal, quando estamos tomados pela finitude, surge a necessidade de lembrar, de transmitir as experiências – mantê-las vivas. Não à toa, como sustenta Mattos (2016), na obra de Benjamin habita uma ética da memória: a memória, colocada em um plano coletivo, é memória ética. O Apoio Matricial em Socioeducação, assim, em sua forma polimórfica de Memórias do Possível, mantém-se como uma aposta ético-política, a fim de que os sentidos não se amortecem; para que o narrar não seja perdido; para que a memória não seja esquecida; para que uma das maiores barbáries de nosso tempo não se perpetue: a condenação ao oblívio.

Rememorar é prática ética. Rememorar é resistir.
Portanto, aqui, lembramos. ◀

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Guia prático de matriciamento em saúde mental* / Dulce Helena Chiaverini (Org.) et al. Brasília: Ministério da Saúde, Centro de Estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva, 2011.

BRASIL. Lei n. 12.594, de 18 de janeiro de 2012. *Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase)*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12594.htm. Acesso em: 30 mai. 2021.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira da Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

LAZZAROTTO, G. D. R.; NASCIMENTO, L. de O.; SILVA, J. A. da. *Transversalidade e Extensão: Equipe de apoio matricial, socioeducação e políticas juvenis*. *Revista da Extensão*, Porto Alegre, n. 16, p. 42-49, jul. 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/188594/001087399.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 mai. 2021.

LIMA, J. G.; BAPTISTA, L. A. Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin. *Princípios: Revista de Filosofia*, Natal, v. 20, n. 33, p. 449-484, jan./jun. 2013.

MATTOS, M. S. de. *Ética da memória em Walter Benjamin: um ensaio*. Porto Alegre: Editora Bestiário, 2016.